



## ESSÊNCIAS DO LUGAR COMO APREENSÃO DO VIVIDO

Kátia Silva Martins <sup>1</sup>

### RESUMO

O artigo apresenta uma breve discussão teórico-conceitual em torno do conceito de lugar e associado a ele um estudo sobre percepção, como meio de entendimento das dimensões do mundo vivido. Enquanto espaço de apreensão do cotidiano, o lugar tem uma importância fundamental na ciência geográfica, pois simboliza o substrato das experiências humanas, dotadas de significados e emoções. Neste sentido, o objetivo do trabalho não se propõe aprofundar sobre as bases conceituais da categoria lugar na ciência geográfica e sim contribuir com as reflexões sobre o tema a partir de uma abordagem fenomenológica e apontar outras possibilidades e perspectivas de entendimento sobre o assunto, bem como traçar caminhos para pesquisas futuras.

**Palavras-chave:** Lugar, Percepção, Corporeidade.

### RESUMEN

El artículo presenta una breve discusión teórico-conceptual sobre el concepto de lugar y asociado a él un estudio sobre la percepción, como medio para comprender las dimensiones del mundo vivido. Como espacio de aprehensión de la vida cotidiana, el lugar tiene una importancia fundamental en la ciencia geográfica, ya que simboliza el sustrato de las experiencias humanas, dotadas de significados y emociones. En este sentido, el objetivo del trabajo no se propone profundizar en las bases conceptuales de la categoría lugar en la ciencia geográfica, sino contribuir a las reflexiones sobre el tema desde un enfoque fenomenológico y señalar otras posibilidades y perspectivas de comprensión sobre el tema, así como trazar caminos para futuras investigaciones.

**Palabras clave:** Lugar, Percepción, Corporalidad.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Curso de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia - UFBA, [katiageo14@gmail.com](mailto:katiageo14@gmail.com)



## INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo contribuir com as discussões acerca do entendimento do lugar sob os preceitos da vertente humanista. As discussões foram inicialmente propostas na disciplina Teoria da Geografia, oferecida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia – UFBA e se propõe estabelecer um breve diálogo entre as diferentes percepções e narrativas acerca do conceito de lugar a partir dos aportes da Geografia humanista, utilizando como método de análise uma abordagem fenomenológica. O trabalho não tem a pretensão de analisar as diferentes nuances a respeito do tema, ou mesmo fazer comparações com outras correntes metodológicas que utilizam o conceito de lugar como categoria de análise e pesquisa, mas contribuir com as reflexões sobre o tema, a fim de traçar outros caminhos e possibilidades de entendimento do lugar a partir da experiência do vivido. Para tanto, foi utilizado como referência teórico-conceitual as reflexões dos autores Yi Fu Tuan (1980, 1982, 1983), Edward Relph (1979), Eric Dardel (2011), Merleau-Ponty (1980, 1998), Ângelo Serpa (2017), dentre outros autores que contribuíram com os estudos sobre lugar em suas diversidade de sentidos.

Pensar sobre o conceito de lugar enquanto categoria de análise geográfica e entendimento do mundo vivido, nos remete inicialmente a refletir sobre algumas provocações propostas por Yi Fu Tuan em sua obra: Espaço e lugar: a perspectiva da experiência (1983). Sobre o conceito, questiona o autor: “O que é um lugar? O que dá identidade e aura a um lugar? (TUAN, 1983, p.4).

As respostas para estes questionamentos feitos por Tuan (1983) nos parece à primeira vista relativamente simples de responde-las, visto que cada um de nós temos experiências íntimas com o lugar. Contudo, ao analisar as experiências mundanas que estabelecemos com o lugar e as relações existentes entre os sujeitos e estes com os objetos, chega-se à conclusão que as respostas as indagações feitas anteriormente pelo autor não são tão simples de responde-las, uma vez que o entendimento do lugar é ao mesmo tempo plural, pois envolvem as experiências vividas por diferentes sujeitos, com culturas e costumes distintos e por outro lado também singulares, pois estão intimamente relacionadas as vivências individuais de cada indivíduo no seu cotidiano, que envolvem percepções e vivências diferenciadas. Portanto, as janelas e portas que se abrem para o entendimento do lugar do mundo vivido, nos apresenta uma seara de



possibilidades outras, que nos oportuniza perceber e compreender a categoria, a partir de diferentes perspectivas.

## **METODOLOGIA**

O presente artigo é resultado de leituras e discussões realizadas na disciplina Teoria da Geografia, do curso de Pós-graduação em Geografia, da Universidade Federal da Bahia- UFBA. As atividades propostas durante este componente curricular foi estruturado em dois momentos. Inicialmente foi proposto aos discentes atividades teórico-práticas, com a leitura de textos sobre o pensamento geográfico e apresentações de seminários. Como avaliação final da disciplina, foi solicitado um artigo sobre as possíveis reverberações das discussões propostas durante a disciplina e sua relação com o objeto de pesquisa.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **Lugar e as percepções do mundo vivido**

Compreender o lugar a partir das experiências estabelecidas no vivido, nos remete inicialmente as percepções que se têm em relação aos lugares do cotidiano, que aí envolvem em grande medida as experiências construídas nos centros urbanos, visto que na atualidade a maior parte da população mundial vivem em cidades, sejam estas metrópoles, cidades interioranas ou vilarejos. Face a esta realidade, observa-se que, parte das construções sociais, culturais e identitárias são estabelecidas nos espaços urbanos e apesar de compartilhar aspectos confluentes nas cidades, nas ruas ou bairros, as percepções constituídas por cada sujeito nestes lugares, dão-se de forma diferenciada, pois estas estão intimamente condicionadas as experiências anteriores que são trazidas por cada indivíduo. Além disso, nossa percepção do lugar é também ligada as experiências sensoriais, que são expressas através dos sentidos do corpo.

Desse modo, assim como tantos outros, o conceito de lugar é visto como polimórfico, pois se apresenta sob várias formas e sentidos e segundo Tuan (1980) dependem das realidades vividas por cada pessoa no seu ambiente. Partindo deste entendimento, conclui-se que o lugar adquire um caráter polissêmico, pois as experiências vividas pelos sujeitos são distintas e tanto podem estar vinculadas as



experiências afetivas, que remetem satisfação, familiaridade ou mesmo identidade, como também numa perspectiva contrária, de repulsa, aversão e medo.

De acordo com o entendimento do autor, isso acontece devido as relações de simbiose existentes entre o homem com seu lugar, que são baseados a partir de sentimentos e experiências vividas, que envolvem afetividades e pertencimentos, denominados pelo autor como topofilia. “A palavra "topofilia" (...) pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material.” (TUAN, 1980, p. 107). Ou mesmo no sentido reverso, baseado em um sentimento de negação, ou mesmo rejeição sobre o lugar de morada, denominada pelo autor como topofobia.

A partir desta perspectiva apresentada por Tuan(1980), verifica-se que o mesmo lugar, pode muitas vezes ter uma percepção plural, pois esta ligação vai depender sobretudo das experiências de vida de cada sujeito com seus lugares. Assim, as ruas, os bairros e os espaços públicos das cidades apresentam perspectivas múltiplas, pois cada um de nós estabelecemos relações íntimas sobre estes lugares. Além disso, estão também envolvidas nestas relações com o lugar, as experiências culturais e simbólicas vividas por cada indivíduo, que podem condicionar percepções variadas. Sobre este olhar solitário e único de cada sujeito sobre seu lugar, Tuan (1980) compreende que “a imagem urbana é uma para o executivo pendular e outra bem diferente para a criança sentada na escada de entrada de um bairro pobre ou para o vagabundo que dispõe de tempo, mas de quase mais nada.” (TUAN, 1980, p. 259).

Ampliando a compreensão em torno do conceito de lugar, não somente ligado enquanto espaço de vivencia material, ou mesmo vinculado as experiências subjetivas, verifica-se que o entendimento Milton Santos vai além. Segundo o autor, o lugar tem uma importância fundamental, pois esta categoria de análise geográfica representa ao mesmo tempo materialidade e imaterialidade e funciona como uma ponte de acesso e abertura para o mundo, ou seja, para o autor o “lugar, (...) se define como funcionalização do mundo, e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente.” (Santos, 1996, p.35). Portanto, para Santos (1996) “lugar, assim como o território, é simultaneamente uma materialidade e uma imaterialidade; é vivido e percebido; é a dimensão espacial do cotidiano.” (SANTOS, 1996, p. 32). Diante deste contexto, chega-se à conclusão que a compreensão de Milton Santos em relação a dimensão do lugar é ampla, uma vez que é formada por uma totalidade real com o



cotidiano. Para o autor(1996), o lugar representa tanto o palpável e percebido, como também o simbólico, por isso assemelha-se ao território usado, fruto de trocas, resistências e usos distintos entre diferentes sujeitos nos seus lugares de vivência.

### **A essência do lugar para além da localização geográfica**

As cidades, com suas ruas, bairros e praças são considerados como formas de representações dos espaços vividos, compreendidos como lugares de construção social, onde a vida se revela. Para Tuan(1993), o lugar funciona como uma “mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar.” (TUAN, 1993, p. 203). Neste sentido, enquanto espaço de experiência do vivido, o conceito de lugar tem uma importância fundamental nas ciências sociais, em especial na Geografia humanista, pois simboliza o âmago das experiências humanas, dotadas de significados e memórias. Como bem salientou Eric Dardel:

A realidade geográfica é, para o homem, então, o lugar onde ele está, os lugares de sua infância, o ambiente que arai sua presença. Terras que ele pisa ou onde ele trabalha, o horizonte do seu vale, ou a sua rua, o seu bairro, seus deslocamentos cotidianos através da cidade. (DARDEL,2011, p.34).

Ao considerarmos o lugar como uma espécie de lente das experiências vividas e imaginadas, chega-se à conclusão que os vínculos afetivos, de cunho subjetivo apresentam amplo significado, pois estão impregnados de histórias e memórias dos diferentes sujeitos, que individualmente ou mesmo socialmente constroem seus lugares de referência, territorializando-os. Como exemplo desta relação íntima estabelecidas pelos sujeitos com seus lugares de vivência, o cantor e compositor baiano João Gilberto nos convida a retomar as nossas memórias estabelecidas com o lugar. Através da construção poética do artista, verifica-se em sua canção: “Eu vim da Bahia”, que o lugar não limita-se somente a localização geográfica ou aspectos fisionômicos, mas vai além, pois envolvem outros sentidos, especialmente ligados a memória afetiva, as construções sociais estabelecidas, as ancestralidades e suas crenças e os festejos culturais e simbólicos estabelecidos no lugar, que remete não somente ao compositor, mas também a outros baianos, como eu própria, uma certa familiaridade e identidade com este lugar, carinhosamente chamado de Bahia.



Eu vim, eu vim da Bahia cantar  
Eu vim da Bahia contar  
Tanta coisa bonita que tem  
Na Bahia, que é meu lugar  
Tem meu chão, tem meu céu, tem meu mar  
A Bahia que vive pra dizer  
Como é que faz pra viver  
Onde a gente não tem pra comer  
Mas de fome não morre  
Porque na Bahia tem mãe Iemanjá  
De outro lado, o Senhor do Bonfim  
Que ajuda o baiano a viver  
Pra cantar, pra sambar pra valer  
Pra morrer de alegria  
Na festa de rua, no samba de roda  
Na noite de Lua, no canto do mar  
Eu vim da Bahia, mas eu volto pra lá  
Eu vim da Bahia, mas algum dia eu volto pra lá.

João Gilberto

Observa-se que a subjetividade poética apresentada na canção de João Gilberto, cantada e interpretada por outros artistas baianos com Gilberto Gil e Caetano Veloso, nos abre possibilidades de entender a essência dos lugares, não somente ligados a percepção do visível, mas também propõe estabelecer percepções outras acerca do lugar. Isso significa dizer, que a relação de familiaridade estabelecida no lugar entre “eu” com o “outro”, não se dá de forma isolada, ao contrário, se processam a partir de trocas de experiências, sensações e sentidos “entre sujeitos”. Portanto compreender o lugar como uma construção social a luz da fenomenologia, implica necessariamente entender que o conceito de lugar está imbricado de intersubjetividades.

A partir desta perspectiva, observa-se claramente que o que o sentido de lugar vai além dos aspectos físicos e geográficos (no sentido de localização), já que lugar simboliza o espaço da vida experienciada e vivida por diferentes atores sociais, com usos e interesses distintos. Nesta perspectiva, Edward Relph(1979) propõe que o “lugar significa muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas à tipos de experiências e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes, de segurança”. (RELPH, 1979, p. 156). A partir de uma abordagem fenomenológica, o autor coloca o conceito em movimento e propõe outras formas e possibilidades de entendimento do lugar, com o objetivo de compreender os





significados das experiências humanas vividas nos lugares e suas relações intersubjetivas.

Contudo, é necessário que se compreenda que devido a sua abrangência teórico conceitual, o entendimento sobre o lugar é bastante fluido e polissêmico, pois de acordo com o entendimento de Tuan(1995), enquanto (i)materialidade das experiências vividas, assumem usos e significados distintos, para os diferentes grupos sociais. Segundo o autor, o que difere a percepção do vivido, não é simplesmente o lugar físico ou geográfico e sim as experiências de cada indivíduo com seu lugar e com o outro. (TUAN, 1983). Estas confluências híbridas, entre os diferentes sujeitos com seus lugares, podem ser consideradas tanto difusas e conflitantes, ou mesmo harmônicas, já que “os acontecimentos simples podem com o tempo se transformar em um sentimento profundo pelo lugar, que podem estar imbuídos de felicidade e realização, ou mesmo tristeza e melancolia.” (TUAN, 1983, p,158).

Verifica-se portanto, que as essências dos lugares estão condicionadas as vivências adquiridas por cada sujeito em seu cotidiano e esta relação com o lugar, ou até mesmo nos “entre lugares”, não envolvem somente o lugar geográfico, mas também ambientes fronteiriços, pois as trocas e expressões culturais se fazem presentes sob diferentes formas. Partindo deste entendimento, Homi Bhabha compreende que “as identidades não se constroem nas singularidades, como às de gênero, etnia, classe social, mas nas fronteiras. São os entre - lugares que possibilitam que a fronteira torne-se “[...] o lugar do qual algo começa a se fazer presente.” (BHABHA, 2003, p. 24). Neste contexto, estes “entrelugares” fronteiriços podem estar presentes nas ruas, nos bairros, nas periferias e centros das cidades, pois estes lugares simbolizam como espaços de expressão cultural. Conforme HOLZER:

Lugar é uma unidade entre outras unidades ligadas pela rede de circulação; O lugar, no entanto, tem mais substância do que nos sugere a palavra localização; ele é uma entidade única, com conjunto ‘especial’ que tem história e significados. O lugar encarna as experiências e as aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade concreta a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhes dão significados. (TUAN, apud HOLZER, 1999, p.70).



## Corporeidade do lugar

Ao analisar as percepções construídas pelos sujeitos em relação aos seus lugares, nos remete a reflexão feita por Merleau-Ponty (1996), ao afirmar que “o mundo não é aquilo que penso, mas aquilo que vivo”. Partindo desta reflexão proposta pelo autor, chega-se à conclusão que cada sujeito tem uma percepção própria e individual sobre o lugar do vivido e estas apreensões vão depender das experiências construídas por cada sujeito ao longo da sua vida e do seu cotidiano.

Ao conceber o lugar em suas múltiplas formas e sentidos, faz-se necessário o uso da percepção como forma de entendimento das singularidades impressas nos lugares de vivência, que são impregnados de histórias e memórias de diferentes sujeitos, que individualmente ou coletivamente estabelecem conexões com o lugar. Neste contexto, ao compreender o lugar a partir das intersubjetividades construídas entre os sujeitos, significa entender que estas experiências perceptivas se processam por vários sentidos e estes se manifestam de várias formas, inclusive na esfera do corpo. Para Merleau-Ponty (2011) é através do corpo que percebemos o mundo e o que nele há.

Meu corpo, que é meu ponto de vista sobre o mundo, como um dos objetos desse mundo. (...) Da mesma forma, trato minha própria história perceptiva como um resultado de minhas relações com o mundo objetivo; meu presente, que é meu ponto de vista sobre o tempo, torna-se um momento do tempo entre todos os outros, minha duração um reflexo ou um aspecto abstrato do tempo universal, assim como meu corpo um modo do espaço objetivo. (MERLEAU-PONTY, 2011, p.108).

Para explicar a relação existente entre corpo e lugar, Serpa(2017) propõe algumas reflexões a respeito no texto intitulado: “o corpo reinserido na cidade: uma segunda digressão(2017). Para explicar a dialética existente entre espaço corporal e espaço exterior (que aqui pode ser a cidade, rua ou outro lugar), Serpa(2017) recorre as reflexões feitas pelo fenomenológico da percepção Merleau Ponty. Segundo o autor (2006), a espacialização do corpo se processa em ação e movimento, ou seja há uma conexão existente entre o corpo e o mundo vivido. Desta forma, o corpo em movimento numa cidade, nas ruas de Salvador ou em Porto Seguro “constitui a própria experiência revelada” (SERPA,2017 p.595), já que o corpo é também lugar de memória. Ou seja, é no corpo que nossas relações com os lugares vão sendo construídas e estabelecidas a partir das nossas experiências vividas. Neste sentido, a abertura da nossa consciência ao





mundo, é sempre tecida através do corpo próprio e seu entorno. Conforme o autor, é através do corpo, que é meu enquanto lugar, que vivo e experimento o mundo. Sob essa ótica, observa-se que a concepção fenomenológica de Merleau Ponty (2011) está enraizada na percepção do corpo próprio, que é o lugar primeiro que tomamos posse do mundo e projetamos as perspectivas vividas. Para o autor, o “corpo próprio totaliza minha história, minha trajetória afetiva, social e cultural abrindo-me o mundo que sempre tem para mim uma coloração e um relevo particular (Merleau-Ponty, 2017, p 203).

Para Serpa(2017) este movimento ir e vir, este vivenciar a cidade, os lugares e ou territórios em relação, nos traz memórias que nos são reveladas ou marcadas pelo nosso corpo. Mas não somente memórias, como também sentidos, emoções ou sensações experienciadas. Sobre as experiências vividas no corpo, cita o autor: “ele vê, se vê e vê o outro. Ele ouve, se ouve e ouve o outro. Ele toca, se toca e toca o outro”<sup>2</sup>(SERPA, 2021). A partir destas reflexões propostas por Serpa, verifica-se que o corpo e lugar estão intrinsecamente inter-relacionados e estas relações intersubjetivas existentes surgem no “momento em que o corpo, como elemento móvel, coloca-se em contato com o exterior e localiza o outro, comunicando-se com outros homens e conhecendo outras situações” (Holzer ,1997, p. 79).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partindo das reflexões e discussões feitas durante a disciplina, identifico uma forte relação entre o conceito de lugar e a fenomenologia com minha pesquisa de doutoramento. Como vou trabalhar com comunidades indígenas, estudos sobre percepção, expressão do corpo como lugar dos sentidos e suas essências, acredito que a fenomenologia me trará a profundidade necessária para entender as territorialidades construídas pelos povos Pataxó e suas relações com o lugar do vivido, que envolvem simbolismos e subjetividades. O estudo sobre o lugar a luz da fenomenologia abre caminhos e possibilidades para perceber o vivido, mas este perceber não significa recordação ou associação de algo que aconteceu no passado, como um congelar dos

---

<sup>2</sup> Registros das reflexões feitas pelo professor Ângelo Serpa, na disciplina Fenomenologia da Paisagem do curso de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia - UFBA



fatos ou fenômenos. Ao contrário, perceber o lugar ou os fenômenos numa abordagem fenomenológica significa entender que a percepção se dá no tempo sincrônico e não há percepção do mundo sem a presença do sujeito que pesquisa. Além disso, acredito que o entendimento sobre o lugar a partir dos preceitos humanistas e a fenomenologia me possibilita entender como as comunidades Pataxó criam e produzem paisagens, na tentativa de revelar as histórias e vivências destes sujeitos e como eu me insiro nestas histórias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões e questionamentos levantados ao longo da disciplina Teoria da Geografia, do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia – UFBA e das leituras e reflexões feitas em relação ao conceito de lugar, me levaram a refletir sobre os questionamentos e provocações propostos por Tuan no início deste artigo, ao questionar “O que é um lugar? O que dá identidade e aura a um lugar? (TUAN, 1983, p.4).

Verifica-se que estas indagações e significados a respeito do lugar e suas nuances se processam de várias formas e sentidos, pois cada um de nós temos experiências diferenciadas sobre o lugar. Portanto, compreender o lugar do vivido sobre a luz da fenomenologia nos abre caminhos de entender esta categoria de análise geográfica a partir de outras possibilidades, pois o lugar, assim como outros conceitos caros a Geografia, com espaço, território são construções humanas que se constituem em relação.

Estas construções sociais estabelecidas nos lugares, envolvem uma infinidade de aspectos que dão sentido ao lugar, que vão desde experiências culturais, sociais, simbólicas, subjetivas, como também corporificadas. Daí a necessidade de entender o lugar em movimento, não apenas como um aspecto geográfico que remete localização, ou mesmo de ordem fisionômica. Lugar vai mundo além, pois no nosso dia a dia, não só vemos o lugar, mas sentimos o lugar em nós. Portanto, lugar é movimento, é ação, tem cheiro, textura, memória, negação e pertencimentos e estas experiências vividas no lugar devem ser compreendidas em relação, de forma intersubjetivas.



## REFERÊNCIAS

BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

BRITO, M. S. **O teatro que corre nas vias**. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, abr. 2016.

CLAVAL, P. **O papel da nova Geografia Cultural na compreensão da ação humana**. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.). *Matrizes da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

\_\_\_\_\_. **A Geografia Cultural**. Tradução de Luíz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. UFSC, 1999

DARDEL, Eric. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

HOLZER, Werther. **O lugar na Geografia Humanista**. Revista Território. Rio de Janeiro, ano IV, n. 7, 1999. p. 67-78.

\_\_\_\_\_. MARANDOLA Jr., Eduardo; DE OLIVEIRA, Livia (Org.). **Qual espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 17-32.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1996

\_\_\_\_\_. **Conversas – 1948**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RELPH, E. **As bases fenomenológicas da Geografia**. *Geografia*. Rio Claro, v. 4, n. 7, p. 1- 25, abr. 1979.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência do lugar. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 17-32.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005 [SANTOS, Milton. Espaço e sociedade. Petrópolis: Vozes, 1978

\_\_\_\_\_. **O retorno do território**. SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia; SILVEIRA, Maria Laura. *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 1994.

SERPA, Angelo. Como prever sem imaginar? O papel da imaginação na produção do conhecimento geográfico. In: SERPA, Angelo (Org.). *Espaços culturais: vivências, imaginações e representações*. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 59-67.



\_\_\_\_\_. Espacialidade do corpo e ativismos sociais na cidade contemporânea. **Mercator** (Fortaleza. Online), v. 12, p. 23-30, 2013c.

\_\_\_\_\_. Por uma Geografia dos espaços vividos. São Paulo:Contexto,2019

TUAN, Yi –Fu. **Topofilia, um estudo da percepção, atividades e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 288 p. 1980.

\_\_\_\_\_. **Espaço e Lugar**. São Paulo: DIFEL, 1983.